



7 • Correio Braziliense — Brasília, quarta-feira, 21 de agosto de 2024

Bolsas	Pontuação B3	Dólar	Salário mínimo	Euro	CDI	CDB	Inflação
Na terça-feira	Ibovespa nos últimos dias	Na terça-feira		Comercial, venda na terça-feira	Ao ano	Prefixado 30 dias (ao ano)	IPCA do IBGE (em %)
0,23% São Paulo	133.317	R\$ 5,483 (+ 1,31%)	R\$ 1.412	R\$ 5,998	10,40%	10,47%	Março/2024 0,16 Abril/2024 0,38 Maio/2024 0,46 Junho/2024 0,21 Julho/2024 0,38
0,15% Nova York	15/8 16/8 19/8 20/8	Últimos					
		14/agosto 5,469 15/agosto 5,484 16/agosto 5,468 19/agosto 5,412					

CONJUNTURA

Haddad e Campos Neto dão seus recados

Em evento em São Paulo, ministro minimiza risco fiscal e chefe do BC reforça mensagem do Copom de que juros podem subir

» CAMILA CURADO

O ministro da Fazenda, Fernando Haddad, e o presidente do Banco Central, Roberto Campos Neto, buscaram dar vários recados ao mercado financeiro, ontem, em evento em São Paulo. O chefe do BC, inclusive, reforçou que o Comitê de Política Monetária (Copom) poderá aumentar os juros, “se for preciso”, mesmo quando ele não estiver mais no comando da instituição.

Haddad, por sua vez, minimizou os riscos fiscais e apontou o aumento dos gastos com despesas obrigatórias, como Bolsa Família, e as despesas emergenciais no socorro das vítimas das enchentes no Rio Grande do Sul, como algumas das razões para a piora nas contas públicas neste ano. O novo arcabouço fiscal permite, neste ano, déficit primário zero nas contas do governo federal, ou saldo negativo de até R\$ 29 bilhões (0,25% do Produto Interno Bruto). Contudo, apesar de o consenso do mercado ser de que as contas continuarão fechando no vermelho neste ano, o ministro disse que o rombo fiscal deste ano será menor do que o do ano passado (de cerca de R\$ 260 bilhões).

“Nós estamos tirando o pé do fiscal. Neste ano, (o resultado das contas públicas) não tem como não ser muito melhor do que no ano passado. Aconteça o que acontecer, no ano que vem, vai ser melhor do que neste ano. Eu estou acompanhando os dados. Estamos tirando o estímulo fiscal de maneira organizada, sensata, sem prejudicar os pobres. Não vejo nenhum diagnóstico que aponte um erro grave na condução dessa questão”, afirmou Haddad, ontem, em palestra no evento Macro Day, organizado pelo banco BTG Pactual.

O ministro reconheceu a necessidade de uma reforma em programas sociais após ser questionado sobre a diferença significativa entre os valores previstos e os desembolsos efetivos no primeiro semestre com benefícios sociais, principalmente com o auxílio doença e seguro desemprego. Os principais problemas apontados por Haddad estão na falta de controle e de transparência nos critérios de elegibilidade para a distribuição desses recursos. Segundo ele, “correção de

Reprodução/YouTube



Roberto Campos Neto, presidente do BC, ainda disse que espera que seu sucessor não seja julgado “pela cor da camisa que ele veste”



Nós estamos tirando o pé do fiscal. Neste ano, (o resultado das contas públicas) não tem como não ser muito melhor do que no ano passado”

Fernando Haddad,
ministro da Fazenda

desigualdades perdem o efeito em programas mal-gerenciadados”. Ele explicou que para esses recursos alcançarem o público-alvo das medidas, é preciso ter normas bem definidas e uma acompanhamento mensal da aplicação desses critérios. O ministro exemplificou ainda que os ajustes anunciados pelo governo, como os do Benefício de Prestação

Continuada (BPC), surgem com a finalidade de corrigir distorções e combater fraudes. Ele enfatizou que não se tratam de cortes, mas sim de correções.

No evento na capital paulista, Campos Neto, reforçou o comunicado da ata da última reunião do Copom que deixou a porta aberta para aumento dos juros, em caso de necessidade e ainda destacou que as decisões da autoridade monetária continuarão sendo técnicas após a troca de comando, no fim deste ano. “O Banco Central vai subir os juros se for preciso, independente de eu estar ou não no BC”, disse Campos Neto. Atualmente, a taxa básica da economia (Selic) está em 10,50% ao ano e, conforme dados do boletim Focus, do BC, divulgado nesta semana, a mediana das projeções para os juros básicos em 2025 voltou para o patamar de dois dígitos, passando de 9%, na semana passada, para 10%, nesta semana.

O chefe da autoridade monetária reforçou a preocupação com a desancoragem das expectativas de inflação do mercado, que

continuam acima da meta, de 3%, neste ano e nos próximos, com limite superior de 4,50%. Campos Neto reforçou que os diretores do BC que integram o Copom decidiram pela manutenção da Selic por unanimidade com o objetivo de reforçar a mensagem de que as decisões são técnicas, de forma que a meta sempre será perseguida. O posicionamento do órgão ajudou a derrubar parte do prêmio de risco que o mercado vinha exigindo nos títulos da dívida pública, porque havia uma percepção dos investidores de influência política no racha do Copom na reunião de maio, quando diretores indicados pelo presidente Luiz Inácio Lula da Silva votaram pelo corte maior dos juros enquanto os cinco diretores que foram indicados pelo governo Jair Bolsonaro foram mais cautelosos e votaram para o corte de 0,25 ponto percentual, para os atuais 10,50%. Nas duas reuniões posteriores, o Copom manteve a taxa Selic no patamar atual.

Após pontuar que credibilidade não se conquista “de um dia

para outro”, Campos Neto disse que a construção da confiança no trabalho do BC é um processo de longo prazo. “Não é sobre uma ou duas reuniões”, acrescentou.

O presidente do BC tentou minimizar as divergências entre membros do Copom e afirmou que tudo passa por um processo de “amadurecimento”. Ele ressaltou que, mesmo antes de a autonomia do BC ter sido aprovada, houve diversos momentos de divergências com diretores da autarquia que haviam sido indicados por ele próprio. E, com isso, reforçou que é necessário a convivência com essas diferenças.

Ao ser questionado sobre o fim do mandato dele no Banco Central, que termina dezembro deste ano, Campos Neto respondeu que espera que seu sucessor não seja julgado “pela cor da camisa que ele veste”. A declaração com viés político foi vista por especialistas como desnecessária, apesar de o presidente do BC ter sido bombardeado de críticas por ter ido votar em 2022 com a camisa da seleção brasileira.

Bolsa bate novo recorde

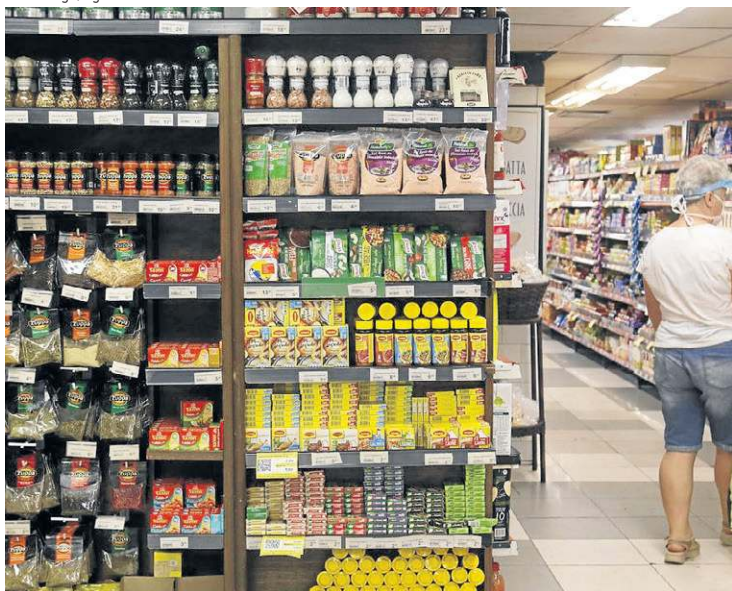
» ROSANA HESSEL

A Bolsa de Valores de São Paulo (B3) bateu novo recorde, ontem, fechando acima dos 136 mil pontos pela primeira vez na história, embalada, principalmente, pelo otimismo de investidores estrangeiros. O Índice Bovespa (Ibovespa), principal indicador da B3, registrou alta de 0,23%, a 136.087 pontos e com um volume de negócios de R\$ 21,2 bilhões. E, apesar de os investidores apostarem que o Federal Reserve (Fed, banco central dos Estados Unidos), começará a cortar os juros, as bolsas norte-americanas operaram, ontem, no vermelho. Já o dólar avançou 1,31%, para R\$ 5,483.

“Esse resultado parte das notícias positivas de curto prazo na economia do país, mas que não parecem se sustentar. A recessão norte-americana vai acontecer e a questão fiscal no Brasil é mais profunda do que as discussões de curto prazo sobre a meta fiscal”, alertou Sergio Vale, economista-chefe da MB Associados. Para ele, pode ser que a Bolsa ainda tenha “algum abalo com a virada americana mais no fim deste ano”. Vale lembrou que os riscos políticos e econômicos nos EUA têm implicações na decisão de juros do Comitê de Política Monetária (Copom) do Banco Central brasileiro nos próximos meses. “A sustentação desse risco em conjunto com a falta de uma solução fiscal mais consistente, deve continuar mantendo a pressão sobre o câmbio ao longo do segundo semestre”, destacou.

Gustavo Cruz, estrategista da RB Investimentos, também reconheceu que o investidor brasileiro tem mais motivos para ir para a renda fixa do que para a Bolsa, por conta da possibilidade de o Copom voltar a aumentar os juros. De acordo com ele, a alta da B3 vem sendo puxada pelos investidores estrangeiros que, com a expectativa de corte nos EUA, aumentam o apetite pelos ativos de países emergentes, de forma geral, incluindo os do Brasil, mas esse interesse pode mudar a qualquer sinal diferente do Fed. “O investidor estrangeiro, hoje, gira mais da metade da Bolsa brasileira”, afirmou.

Tânia Régio/Agência Brasil



82% dos consumidores deixaram de levar algum item no supermercado

Preço faz consumidor mudar compras

» FERNANDA STRICKLAND

O consumidor brasileiro vem acompanhando de perto as variações de preços dos produtos no varejo e mudando hábitos para comprar mais e pagar menos. É o que aponta o novo levantamento da Neogrid, realizado em parceria com o Opinion Box. Segundo a pesquisa, “Hábitos de Compra no Varejo Alimentar”, realizada entre junho e julho de 2024, revela que 82% dos respondentes deixaram algum item no supermercado por conta do valor.

O estudo da Neogrid/Opinion Box também apresenta quais itens

se tornaram mais escassos nos carrinhos dos consumidores no primeiro semestre do ano. O azeite, por exemplo, lidera essa lista, com 54,8% dos respondentes dizendo ter reduzido o consumo.

De acordo com a Horus, solução da Neogrid especializada na leitura e análise de notas fiscais com agilidade e eficácia, o preço médio por unidade do produto subiu 19,8% em julho na comparação com o início do ano. Na sequência, aparecem as carnes (41,3%) e legumes, verduras e frutas (24,4%). Cerca de 80% dos brasileiros ouvidos não consideram justos os preços que pagam

hoje nas compras. “Estamos verificando um interesse crescente dos consumidores brasileiros por preços mais em conta e promoções. Esse comportamento acaba estimulando a procura por ofertas mais vantajosas, além de comparações entre redes de supermercados e marcas concorrentes”, explica Anna Fercher, head de Customer Success e Insights da Neogrid.

Os dados também mostram que, além do preço, os consumidores consideram promoções e descontos (65,7%) e a qualidade do produto (63%) como pontos cruciais no momento da compra.

De acordo com o levantamento, para 65% dos entrevistados, o preço é um fator decisivo na hora da compra e 83% dos entrevistados acompanham promoções de itens específicos que querem adquirir.

O estudo também mostrou que 84% dos entrevistados levam mais produtos quando notam que o preço está baixo nas prateleiras. “Uma das possíveis razões para esse contexto é a perceptível diminuição do poder de compra dos brasileiros e as recentes elevações de preços de categorias que costumam estar presentes nos carrinhos dos consumidores.”